**Teoria – Narração e Conto**

**Narração**

**Definição: narrar é contar uma história (real ou fictícia). O fato narrado apresenta uma sequência de ações envolvendo personagens em determinado espaço (ou espaços) e tempo.**

São exemplos de narrativas a novela, o romance, o conto também a crônica, uma notícia de jornal, uma piada, um poema, uma letra de música, uma história em quadrinhos, desde que apresentem uma sucessão de acontecimentos.

**Estrutura da narração:**

Convencionalmente, o enredo da narração pode ser assim estruturado: **exposição** (apresentação das personagens e/ou cenário e/ou época), **desenvolvimento** (desenrolar dos fatos, apresentando conflito e clímax) e **desfecho** (arremate da trama).

Entretanto, há diferentes possibilidades de compor-se um enredo, seja iniciá-lo pelo desfecho, construí-lo apenas através de diálogos, fugir ao nexo lógico dos episódios. Tudo pode ser possível. Um bom exemplo, hoje, está na narrativa da linguagem cinematográfica, quantas vezes não assistimos a filmes que se iniciam pelo final? Ou pelo meio!

Agora, observe com que originalidade Machado de Assis inicia o romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

**Óbito do autor**

*Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que escrito assim ficaria mais galante e mais novo. (...)*

*Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos!*

**Elementos da narrativa**

São elementos da narração: **personagem**, **enredo** (ação), **tempo**, **espaço** e **narrador**.

Quando a história é curta, como as redações escolares, são imprescindíveis enredo e personagens. A perspectiva de quem escreve é dada pelo foco narrativo (de 1ª ou 3ª pessoa). Os discursos (direto, indireto livre) representam a fala da personagem.

**Personagem:**

Personagem é uma palavra feminina que deriva do grego persona (máscara). Modernamente, já se convencionou o emprego da palavra nos dois gêneros, tanto para se referir a seres humanos, animados ou a entes personificados. Literariamente, pode-se definir a personagem como a pessoa ou ser personificado ou animado que figura na história e nela se envolve ativa ou passivamente. Criada no infinito da imaginação, a personagem assume perfil físico e psicológico único que só a individualidade de cada autor permite.

Dessa forma, uma personagem revela-se através de dados e aspectos definidos, que a dota de características éticas, sociais, ideológicas, políticas, profissionais, etárias, culturais, étnicas e fantásticas. Sendo assim, uma personagem pode ser definida psicologicamente:

*A mulher do coronel era o tipo mãe de família. Tinha quarenta anos e ainda conservava na fronte, embora secas, as rosas da mocidade. Era uma mistura de austeridade e meiguice, de extrema bondade e extrema rigidez. Gostava muito de conversar e rir, e tinha a particularidade de amar a discussão, exceto em dois pontos que para ela estavam acima das controvérsias humanas: a religião e o marido. A melhor esperança, afirmava, seria morrer nos braços de ambos.*

(Machado de Assis)

Ou fisicamente:

*Magro, meão na altura, dum moreno doentio abria admiravelmente os olhos molhados de tristeza e calmos como um bálsamo. Barba dura e sem trato. Os lábios emoldurados no crespo dos cabelos moviam como se rezassem. O ombro direito mais baixo que o outro parecia suportar forte peso e quem lhe visse as costas das mãos notara duas cicatrizes como feitas por bala.*

(Mário de Andrade)

Em alguns casos, o narrador não revela as características psicológicas da personagem, mas procura traduzi-las através de suas ações e comportamento:

*Está sempre a rir, sempre a cantar. Canta o dia inteiro, num tom arrastado, apregoando as revistas que vende. Por aqui, por ali, vai, vem, corre, galopa, atravessa as ruas com uma rapidez de raio, persegue os veículos, desliza entre os automóveis como sombra. Parece vulnerável.*

(Graciliano Ramos)

Portanto, a aparência, a gestualidade, o comportamento e as ações concorrem para esboçar personagens **lineares ou retilíneas** (comportamento previsível) e **complexas ou esféricas** (personalidades contraditórias).

**Tipos de personagem:**

**Personagem linear ou retilínea**: define-se pela permanência e previsibilidade de sua conduta; seu caráter e suas atitudes mantêm-se inalteráveis ao longo da narrativa. Os heróis das narrativas folhetinescas (romances populares) costumam ser corajosos, sedutores, românticos. Apresentam caráter nobre, gestos solidários, redentores e justiceiros. Até os traços físicos correspondem à luminosidade de sua conduta: olhos ternos, beleza viril. Sua ação heroica será tanto um ato de bravura física quanto um exercício habilidoso da razão ou a prática da nobreza de espírito. Já o vilão, em sua linearidade, apresenta em geral aparência repugnante que reflete seu caráter distorcido, cínico, cruel, mentiroso, oportunista etc.

Assim, a personagem linear encerra um tipo facilmente identificável que permeia as produções da indústria cultural: histórias em quadrinhos, novelas, filmes, romances e outros.

**Personagem complexa ou esférica**: suas atitudes são imprevisíveis, pois seu comportamento varia de acordo com a sucessão dos fatos, é contraditório, pois oscila entre as ações degeneradas e edificantes, infames e redentoras, muito mais próximo do ser humano real. O caráter da personagem complexa mostra variações no humor, atitudes e interioridade psicológica.

**Tipo e caricatura**: real ou fictício, apresentando um conjunto de traços físicos e psicológicos que o definem em sua individualidade, o **tipo** é uma figura singular, de características marcantes que, por suas peculiaridades comportamentais, universaliza-se e eterniza-se. É o caso de Dom Quixote, de Cervantes. Há ainda tipos reconhecidamente populares: o bêbado, a fofoqueira, o malandro, a beata entre outros.

Quanto à **caricatura**, ressalta-se uma única qualidade ou tendência que é dilatada ao extremo, provocando uma distorção propositada, a serviço da sátira ou do cômico.

**Personagens não-humanas**: quando o protagonista é um ser inanimado (num apólogo) ou um animal (numa fábula), temos uma antropomorfização. O protagonista reveste-se de traços humanos, sobretudo quanto à inteligência e ao caráter.

**Enredo:**

O **enredo ou trama corresponde à maneira como a história se desenrola, aos arranjos narrativos que cercam as personagens e às situações que a envolvem**. Essa articulação pode revelar o núcleo temático da matéria narrada, seja ela real, seja ficcional; assim falamos em enredos cujas temáticas podem ser conflitos passionais, casos de mistério ou terror, dramas sociais, experiências existenciais, ficção científica etc. Esse enovelamento de ações a que chamamos enredo abrange as etapas já explicadas na estrutura da narrativa: **exposição**, **desenvolvimento** (**conflito** – ponto de desequilíbrio e **clímax** – ponto de maior tensão) e **desfecho**.

O texto narrativo resulta, portanto, de duas articulações: a história (sequência de fatos) e o enredo (organização dos fatos), ou seja, o enredo é a maneira como o narrador organiza os dados que a história oferece.

**Tempo:**

Há duas maneiras de lidar com o tempo em uma narração: cronológica ou psicologicamente.

**Tempo cronológico**: é o tempo mensurável em que se desenrola a ação. Indica-se, conforme o caso, dia, mês, ano, hora, minuto, segundo, década, século etc. Não é preciso mencioná-lo sempre, mas deve-se dar a entender ao leitor o tempo de duração da história, utilizando-se de expressões como: alguns minutos, instantes, no dia seguinte, algum tempo depois, passaram-se dias etc.

*O ano era 1840. Naquele dia – uma segunda-feira do mês de maio – deixe-me estar alguns na Rua da Princesa.*

(Machado de Assis)

O escritor monta o tempo narrativo distribuindo-o de tal forma que seja aceito pelo leitor:

*No dia seguinte, estava Rubião ansioso por ter ao pé de si o recente amigo da estrada de ferro, e determinou ir a Santa Teresa, à tarde; mas foi o próprio Palha que o procurou logo de manhã...*

(Machado de Assis)

Seja em saltos abruptos (milênios, séculos, décadas), seja em períodos curtos (no mesmo dia, em uma semana), mantém-se a sucessão temporal. Um recurso possível para alterar a linha temporal é antecipar um fato futuro ou regredir, em *flash back*, para um passado a ser relatado.

**Tempo psicológico**: não é mensurável, flui na mente das personagens. Nesse caso, transmite-se a sensação experimentada durante o tempo em que o fato ocorreu: a personagem pode ter passado por situações que pareceram extremamente longas, mas que, na realidade, duraram apenas alguns minutos.

O tempo psicológico é produto de uma experiência interior mensurável apenas subjetivamente. Traduz-se com palavras a duração de um acontecimento, através da intensidade emocional que o acompanha.

*O suplício durou bastante, mas, por muito prolongado que tenha sido, não igualava a mortificação da fase preparatória: o olho duro de magnetizar-me, os gestos ameaçadores, a voz rouca a mastigar uma interrogação incompreensível.*

(Graciliano Ramos)

**Espaço:**

O espaço é um lugar em que ocorrem as ações onde se movimentam as personagens. Pode ser ilimitado como o universo ou restrito como uma casa. Para caracterizá-lo, são empregados recursos descritivos que recuperam a percepção objetiva (dos cinco sentidos) e as impressões subjetivas (psicológicas).

Se a cobertura descritiva desvela integralmente o objeto, pessoa, cena ou paisagem, temos a fidelidade fotográfica, que permite ao leitor “visualizar” o espaço descritivo. Quando a descrição apenas sugere traços (objetivos e subjetivos) dos elementos, o leitor é instigado a completar a imagem com a criatividade e a fecundidade de sua imaginação.

**Cenário funcional e decorativo**: o cenário no qual as personagens se movimentam e interagem pode ser decorativo ou funcional. Quando decorativo, o espaço é o lugar de referência, apenas situando onde acontece o fato e fazendo sobressair quem dele participa.

**Espaço físico e social**: pode-se também discriminar os espaços físicos e sociais. No físico, estão os domínios da natureza. Lembramos na literatura romântica os espaços nostálgicos, sacralizados ou devoradores: a primavera eterna, as tempestades avassaladoras, os penhascos sombrios, as matas virgens, os sertões ermos. No social, estão os limites culturais, como nos romances urbanos: as sociedades dos salões, dos saraus, dos teatros, além de cortiços, vendas, feiras, cenários que mostram a pobreza citadina.

**Foco e discurso narrativo**

**Foco Narrativo:**

Contar (ato de narrar) ou como contar (o estilo pessoal) implica uma determinada posição do narrador com relação ao acontecimento. Assim, o narrador pode assumir três pontos de vista na narrativa:

**Narrador participante ou personagem**: é uma das personagens, principal ou secundária, da história; está nela e “vê” os acontecimentos de dentro para fora. Nesse caso, a narrativa, elaborada em 1ª pessoa (eu – nós), tende a ser autobiográfica, memorialista ou confessional.

*Coloquei-me acima da minha classe, creio que me elevei bastante. Como lhes disse, fui guia de cego, vendedor de doces e trabalhador de aluguel. Estou convencido de que nenhum desses ofícios me daria os recursos intelectuais necessários para engendrar esta narrativa.*

(Graciliano Ramos)

**Obs.**: Não confunda autor com narrador. O autor tem existência real, é uma pessoa que existe fisicamente e quem compõe a história. O narrador é também uma personagem criada pelo autor para contar a história criada por ele, pode até ser baseado em alguém real, contar alguma história de uma personalidade conhecida, mas não necessariamente precisa existir.

**Narrador observador**: simplesmente relata os fatos, registrando ações e as falas das personagens; ele conta como mero espectador, uma história vivida por terceiros. O que ele vê, relata e até deduz está dentro dos limites de quem só observa. É a narrativa escrita em 3ª pessoa.

*O Campos, segundo o costume, acabava de descer do almoço e, a pena atrás da orelha, o lenço por dentro do colarinho, dispunha-se a prosseguir o trabalho interrompido pouco antes. Entrou no escritório e foi sentar-se à secretária.*

(Aluísio Azevedo)

**Narrador onisciente ou onipresente**: é uma espécie de testemunha invisível de tudo quanto ocorre, em todos os lugares e em todos os momentos; ele não só se preocupa em dizer o que as pessoas falam ou fazem, mas também traduz o que pensam e sentem.

*Um segundo depois, muito suave ainda, o pensamento ficou levemente intenso, quase tentador: não dê, elas não são suas. Laura espantou-se um pouco: por que as coisas nunca eram dela?*

(Clarice Lispector)

**Discurso narrativo:**

Na composição de uma narração, o narrador pode reproduzir a fala da personagem, empregando as seguintes possibilidades:

**Discurso direto**: o narrador reproduz na íntegra a fala das personagens ou interlocutores. Geralmente essa fala é introduzida por travessão:

*\_ Bonito papel! Quase três da madrugada e os senhores completamente bêbados, não é?*

*\_ Sem bronca, minha senhora. Veja qual de nós é seu marido que os outros querem ir para casa.*

(Stanislaw Ponte Preta)

**Discurso indireto**: o narrador exprime indiretamente a fala da personagem. Ele funciona como testemunha auditiva e passa para o leitor o que ouvir da personagem. Nessa transcrição, o verbo aparece sempre na 3ª pessoa:

*Todos se calaram para ouvi-lo e ele, muito sério, perguntou qual era o assunto. Informado, prosseguiu dizendo que estava profundamente interessado e colaborar.*

**Discurso indireto livre**: resultante da mistura dos discursos direto e indireto. É uma espécie de monólogo interior das personagens, mas expresso pelo narrador. Este interrompe a narrativa para registrar e inserir reflexões ou pensamentos das personagens, com as quais passa a confundir-se. Esse discurso é muito empregado na narrativa moderna, pela fluência e ritmo que confere ao texto.

*Deu um passo para a catingueira. Se ele gritasse “Desafasta”. Que faria a polícia? Não se afastaria, ficaria colado ao pé do pau.* ***Uma lezeira, a gente podia xingar a mãe dele****. Mas então... Fabiano estirava o beiço e rosnava. Aquela coisa arriada e achacada metia as pessoas na cadeia, dava-lhes surra. Não entendia.* ***Se fosse uma criatura de saúde e muque, estava certo****. Enfim, apanhar do governo não é desfeita, e Fabiano sentia até orgulho ao recordar-se da aventura.* ***Mas aquilo...*** *Soltou uns grunhidos.* ***Por que motivo o governo aproveitava gente assim? Só se ele tinha receio de empregar tipos direitos. Aquela cambada só servia para morder as pessoas inofensivas. Ele, Fabiano, seria tão ruim se andasse fardado? Iria pisar os pés dos trabalhadores e dar pancadas neles? Não iria.***

(Graciliano Ramos)

**Discurso do narrador**: registra a ação das personagens, além de comentar, analisar, inferir, interpretar e relacionar os fatos da história.

*De repente, Honório olhou para o chão e viu uma carteira. Abaixar-se, apanhá-la e guardá-la foi obra de alguns instantes. Ninguém o viu, a salvo o homem que estava à porta da loja...*

(Machado de Assis)

**Tipos de texto**

**Conto - Um pouco de história...**

O conto é um tipo de narrativa que se opõe, pela extensão, quer à novela, quer ao romance. De fato, é sempre uma narrativa pouco extensa e a sua brevidade tem implicações estruturais: reduzido número de personagens; concentração do espaço e do tempo, ação simples e decorrendo de forma mais ou menos linear.

Embora o conto seja hoje uma forma literária reconhecida e utilizada por inúmeros escritores, a sua origem é muito mais humilde. Na verdade, nasceu entre o povo anônimo. Começou por ser um relato simples e despretensioso de situações imaginárias, destinado a ocupar os momentos de lazer. Um contador de histórias narra a um auditório reduzido e familiar um episódio considerado interessante. Os constrangimentos de tempo, a simplicidade dos ouvintes e as limitações da memória impõem que a "história" seja curta. Essas mesmas circunstâncias determinam, como já vimos, a limitação do número de personagens, a sua caracterização vaga e estereotipada, a redução e imprecisão das referências espaciais e temporais, bem como a simplificação da ação.

Dada a sua origem popular, o conto de que falamos aqui não tem propriamente um autor, entendido como um ser humano determinado, ainda que desconhecido. Na realidade ele constitui uma criação coletiva, dado que cada "contador" lhe introduz inevitavelmente pequenas alterações ("Quem conta um conto, acrescenta um ponto.").

Por outro lado, é bom ter consciência de que os contos populares com que hoje nos defrontamos são diferentes daqueles que, durante séculos, foram transmitidos oralmente de geração em geração. Em primeiro lugar, porque o seu registro por escrito implicou necessariamente alguma reelaboração. Em segundo lugar, porque no ato de narração oral o código linguístico era acompanhado por outros códigos, variáveis de contador para contador e irreproduzíveis na escrita (a entoação, a ênfase, os movimentos corporais, a mímica...).

Também não podemos esquecer que o auditório estava fisicamente presente e condicionava o ato de narração, fazendo comentários ou perguntas e restringindo, com a sua censura implícita, a imaginação criadora do contador. É essa censura latente que ajuda a compreender a permanência dos elementos essenciais, independentemente do tempo e do espaço.

O interesse dos intelectuais pelo conto popular surgiu no século XVII, quando, em 1697, Charles Perrault publicou a primeira antologia de contos populares franceses, que incluía histórias tão conhecidas como "A Gata Borralheira", "O Chapeuzinho Vermelho" e "O Gato das Botas". Esse interesse pela literatura popular acentuou-se no século XIX, com os trabalhos dos irmãos Grimm, na Alemanha, e Hans Christian Andersen, na Dinamarca.

## Estrutura

Fruto da sua origem oral, estes contos têm quase sempre uma estrutura muito simples e fixa. As próprias fórmulas: inicial ("Era uma vez...") e final ("...e foram felizes para sempre.") revelam isso. Essa estrutura pode ser traduzida da seguinte forma:

* **ordem existente** - situação inicial;
* **ordem perturbada** - a situação de equilíbrio inicial é destruída, o que dá origem a uma série de peripécias que só se interrompem com o aparecimento de uma força retificadora;
* **ordem restabelecida**.

## Personagens

A caracterização das personagens é sumária e estereotipada: os heróis concentram em si os traços positivos, enquanto os vilões evidenciam todos os aspectos negativos da personalidade humana. Dessa maneira personifica-se o bem e o mal e manifesta-se insistentemente a vitória do primeiro sobre o segundo. A caracterização indireta prevalece sobre a direta, visto que é, sobretudo, pelas suas ações que as personagens revelam o seu caráter.

## Tempo e espaço

A fórmula inicial ("Era uma vez..." ou outra equivalente) remete para o passado e, desse modo, funciona como um sinal de que se vai passar do mundo real para um mundo irreal, o mundo da fantasia, onde tudo é possível. Esse mergulho no imaginário termina com a fórmula final: "... e viveram felizes para sempre." Ao longo do conto as indicações de natureza temporal são sempre limitadas e vagas, não permitindo determinar com rigor a duração da ação ou a localização num contexto histórico preciso. O mesmo acontece relativamente ao espaço: um palácio, uma casa, uma fonte, uma floresta...

Na verdade, as vagas referências espaço-temporais aparecem apenas porque são uma exigência da narrativa, visto que nada acontece fora do tempo e do espaço. Não é o onde nem o quando que interessa, mas sim o que acontece, a ação. As próprias personagens são um mero suporte da ação, daí a sua caracterização estereotipada.

A conjugação dessas características (personagens estereotipadas e espaço e tempo indeterminados) concede às histórias um caráter atemporal e universal, que permite a sua reatualização permanente: é algo que poderia acontecer em qualquer tempo e em qualquer lugar.

## Simbologia

Os contos tradicionais estão carregados de simbologia: dizem mais do que parecem dizer. A manifestação mais evidente é a referência sistemática ao número três, símbolo da perfeição desde tempos imemoriais. Mas há mais... A rosa aparece como símbolo do amor puro e total. O beijo desperta e faz renascer. A heroína é frequentemente a mais nova (e por isso a mais pura e inocente) e afirma-se por oposição às irmãs mais velhas e mesmo aos pais. O herói quase sempre tem que enfrentar uma série de provas antes de alcançar o objeto - símbolo do amadurecimento que fará dele um homem. Outras vezes sai da casa paterna em busca da autonomia.

## Funções (importância) do conto

Em maior ou menor grau, o conto popular tinha as seguintes funções:

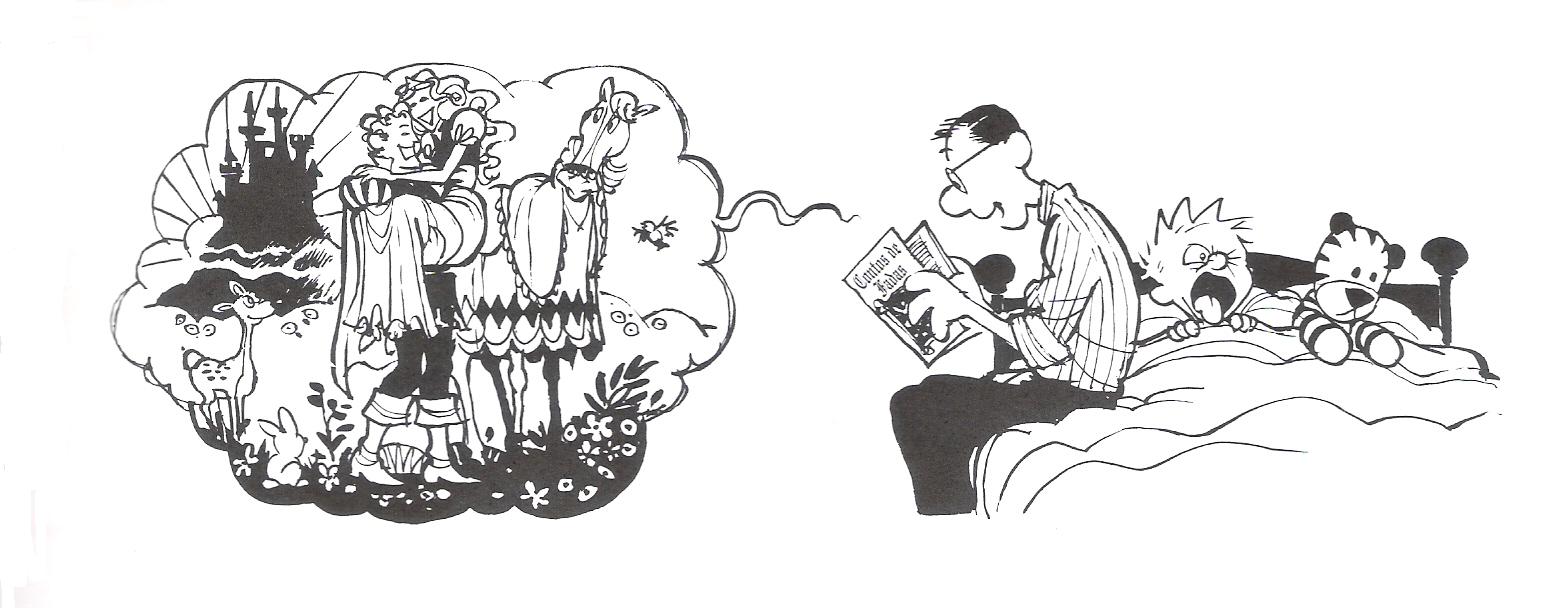
* preencher os tempos de lazer;
* propor aos ouvintes modelos de comportamento;
* transmitir os valores e concepções do mundo próprios daquela sociedade.

Em síntese, podemos dizer que os contos tinham (têm) uma função de entretenimento e uma função educativa. Por um lado, constituíam uma das formas de ocupar os tempos livres, geralmente os serões, reforçando os laços de convivência entre os membros da comunidade e despertando a imaginação dos assistentes; por meio deles era possível compensar a dureza e a monotonia da vida quotidiana, fugindo para mundos distantes e vivendo papéis e situações empolgantes. Por outro, concediam aos mais velhos um instrumento privilegiado para levarem os mais novos a interiorizarem valores e comportamentos considerados aceitáveis.

## Classificação dos contos populares

São muitos os temas tratados nos contos populares, daí que sejam possíveis várias classificações. Por comodidade podemos reduzi-los a cinco tipos:

* contos de fada, maravilhosos ou de encantamento;
* de exemplo;
* religiosos ou morais;
* de animais;
* etiológicos (relativos à fundação de um local).



**O Conto Moderno**

No Século XIX o conto se distancia da novela e do romance adquirindo espaço próprio. Grandes contistas surgem no mundo inteiro: Edgar Allan Poe nos EUA, Maupassant na França, Eça de Queirós em Portugal e Machado de Assis no Brasil.

Na estrutura do conto moderno, normalmente, há um só drama, um só conflito. Rejeita as digressões e as extrapolações, pois busca um só objetivo, um só efeito. Com isso, a dimensão do conto é reduzida: o autor usa a contração, isto é, a economia dos meios narrativos. Essa preferência pela concisão e a concentração dos efeitos torna o conto uma narrativa curta. Uma característica importante é que ele termina justamente no clímax, ao contrário do romance em que o clímax aparece em algum ponto antes do final.

O espaço físico da narrativa normalmente não varia muito devido à própria dimensão do conto. A variação temporal não importa: o passado e o futuro do fato narrado são irrelevantes. Caso seja necessário, o contista condensa o passado e o expõe ao leitor em poucas linhas.

Devido a essas características (pequena extensão e pouca variação espacial e temporal), o número de personagens que participa do conto é pequeno. Também não há espaço para personagens complexas: a ênfase é colocada em suas ações e não em seu caráter.

É claro que essas características do conto podem variar de uma época para outra, mas essas variações ocorrem em maior ou menor grau constituindo sempre uma estrutura básica que configura o gênero.

**Hérói, super-herói e anti-herói**

O **herói** tradicional, na Literatura, é a personagem que possui beleza, equilíbrio, força física, magnanimidade e virtudes morais que lhe proporcionam atos de grandeza, às vezes, sobre-humanos, apresentando-se como modelo extraordinário de comportamento. Na Antiguidade, acreditava-se que, por ser muito corajoso, o herói ganhava a proteção dos deuses e tornava-se praticamente um semi-deus.

Já o **anti-herói** não costuma ser belo e equilibrado, faltam-lhe qualidades físicas e virtudes, revelando-se uma criatura em crise. Sua debilidade, às vezes, é realçada para aproximá-lo de pessoas comuns.

O **super-herói** é uma criação do século XX e revela a descrença do ser humano no próprio ser humano, o qual não tem mais a virtude de lutar por um bem comum, porque está absorvido pelo materialismo e pelo individualismo. Hoje, só acreditamos em seres que estão além de nós.